

## MINHA GUIRLANDA DE POEMAS: 31 TRADUÇÕES INÉDITAS

### A. Epigramas gregos

#### Lírica convivial.

Banquetes não são ocasião de “falar” de sangrentas guerras, entenda-se, não são lugar para cantos épicos, mas líricos, sobre o amor e o vinho que o tempera.

#### 1. Anacreonte de Teos (570 – 488 a.C.), fragmento 2 (W)

οὐ φιλέω, ὅς κρητῆρι παρὰ πλέωι οἰνοποτάζων  
νείκεα καὶ πόλεμον δακρυόεντα λέγει,  
ἀλλ' ὅστις Μουσέων τε καὶ ἀγλαὰ δῶρ' Ἀφροδίτης  
συμμίσγων ἔρατῆς μνήσεται εὐφροσύνης.

Não amo quem, bebendo ante a cratera cheia,  
de lutas fala e guerras lacrimosas,  
mas quem, das Musas dons brilhantes e Afrodite  
unindo, lembra o gozo e a amável festa.

#### Epigramas fúnebres

Lamento pela morte do bichinho de estimação, o passarinho:

#### 2. *Antologia Palatina*, 7, 199 (Timnes, séc. III d.C.)

ὄρνειον ὃ Χάρισιν μεμελημένον, ὃ παρόμοιον  
ἀλκυόσιν τὸν σὸν φθόγγον ἰσωσάμενον,  
ἦρπάσθης, φίλε λαιέ· σὰ δ' ἦθεα καὶ τὸ σὸν ἦδον  
πνεῦμα σιωπηραὶ νυκτὸς ἔχουσιν ὁδοί.

Passarinho, no qual as Graças cuidam, quase  
igual à alcione no som que entoas!  
Foste levado, ó melro meu: teu modo e doce  
voz o caminho os tem da noite mudo.

Lamento pela morte do amigo, cuja falta é suprida pela doçura dos poemas que deixou. O Hades, reino dos mortos, não vai silenciá-los.

#### 3. *Antologia Palatina*, 7, 80 – Calímaco de Cirene (300–240 a.C.) *Epigramas*, 2 (Pf.)

Εἶπέ τις, Ἡράκλειτε, τὸν μόρον, ἔς δέ με δάκρυ  
ἤγαγεν· ἐμνήσθην δ', ὅσάκις ἀμρότεροι  
ἦλιον ἐν λέσχῃ κατεδύσαμεν. ἀλλὰ σὺ μὲν που,  
Ξεῖν' Ἀλικαρνησεῦ, τετράπαλαι σποδιή  
αἰὶ δὲ τεαὶ ζώουσιν ἀηδόνες, ἦσιν ὁ πάντων  
ἄρπακτῆς Αἴδης οὐκ ἐπὶ χεῖρα βαλεῖ.

Alguém contou teu fim, Heráclito, e às lágrimas  
levou-me. Lembro o quanto em falas nós  
embalamos o sol e agora tu, meu hóspede  
de Halicarnasso, há muito só és cinza.  
5 Mas vivem, rouxinóis, teus cantos, em que o Hades  
– devora-tudo – a mão não vai tocar.

Lamento pela morte da amada.

#### 4. *Antologia Palatina*, 7, 476 – Meléagro de Gádara (séc. I a.C.)

Δάκρυά σοι καὶ νέρθε διὰ χθονός, Ἡλιοδώρα,  
δωροῦμαι, στοργᾶς λείψανον, εἰς Αἶδαν,  
δάκρυα δυσδάκρυτα· πολυκλαύτω δ' ἐπὶ τύμβῳ  
σπένδω μνάμα πόθων, μνάμα φιλοφροσύνας.  
οἰκτρά γάρ, οἰκτρά φίλαν σε καὶ ἐν φθιμένοις Μελέαγρος  
αἰάζω, κενεὰν εἰς Ἀχέροντα χάριν.  
αἰαῖ, ποῦ τὸ ποθεινὸν ἔμοι θάλος; ἄρπασεν Αἶδας,  
ἄρπασεν· ἀκμαῖον δ' ἄνθος ἔφυρε κόνις.  
ἀλλὰ σε γουνοῦμαι, Γᾶ παντρώφε, τὰν πανόδυρτον  
ἠρέμα σοῖς κόλποις, μάτερ, ἐναγκάλισαι.

Lágrimas através da terra até no Hades,  
Heliadora, – de amor um resto – envio-te.  
Lágrimas de amargor na tumba tão chorada  
verto, lembrança de desejo e afeto.  
Cara na morte até, triste, triste Meléagro  
choro-te, vão tributo ao Aqueronte.  
Ai, meu broto onde está, tão desejável? Hades  
raptou-a e a flor no viço o pó conspurca.  
Mas eu te imploro, Terra, ó mãe, nutriz de tudo:  
10 a que sofreu, põe suave em teu regaço.

## Epigramas pederásticos

A medúsica beleza: um rapaz, ao encontrar após certo tempo um amigo, esquálido e desolado, percebe que o amigo foi acometido do mesmo mal que antes o acometera: apaixonou-se pelo jovem Euxíteo depois de simplesmente olhá-lo.

### 5. *Antologia Palatina, 12, 71 – Calímaco de Cirene (300–240 a.C.), Epigramas, 30 (Pf.)*

Θεσσαλικὴ Κλεόνικε τάλαν, τάλαν· οὐ μὰ τὸν ὄξυν ἥλιον, οὐκ ἔγνω. σκέτλιε, ποῦ γέγονας; ὄστέα σοι καὶ μούνον ἔτι τρίχες· ἢ ῥά σε δαίμων οὐμὸς ἔχει, χαλεπῆ δ' ἦντεο θευμορίη; ἔγνω· Εὐξίθεός σε συνήρπασε· καὶ σὺ γὰρ ἔλθων 5 τὸν καλόν, ὃ μὸχθηρ', ἔβλεπες ἀμφοτέροις.	Cleónico Tessálio, ó dó, que dó: por este sol, não te conheci! Triste, onde andaste? Osso e cabelo és só! Será que te apanhou meu fado, ombreias contra dura sina? Já sei: arrebatou-te Euxíteo: chegaste, ó pobre, e ao belo olhaste co'os dois olhos.
---	--

## Epigramas eróticos

No amor, na guerra, ri melhor quem ri por último. Sendo ainda poeta, pode celebrar a própria vitória na posteridade.

### 6. *Antologia Palatina, 5, 107 – Filodemo de Gádara (séc. I a.C.)*

“Γινώσκω, χαρίεσσα, φιλεῖν πάνυ τὸν φιλέοντα, καὶ πάλι γινώσκω τόν με δακόντα δακεῖν μὴ λύπει με λίην στέργοντά σε μηδ' ἐρεθίζειν τὰς βαρυοργήτους σοι θέλε Πιερίδας.” τοῦτ' ἐβόων αἰεὶ καὶ προὔλεγον· ἀλλ' ἴσα πόντω 5 Ἴονίω μύθων ἔκλυες ἡμετέρων. τοιγὰρ νῦν σὺ μὲν ὤδε μέγα κλαίουσα βαύζοις· ἡμεῖς δ' ἐν κόλποις ἤμεθα Ναϊάδος.	“Sei bem, ó minha graça, amar a quem me ama e sei morder também a quem me morde. Não me firas, que bem te quero, nem provoques a ira das Piérides tão grave.” Isto só fiz gritar, preveni, mas qual mar Jônio minhas palavras não ouvistes. E tu agora a lamentar-te muito choras, enquanto ao colo deito-me de Náiade.
---	--

Juras de amor nada valem.

### 7. *Antologia Palatina, 5, 6 – Calímaco de Cirene (300–240 a.C.), Epigramas, 25 (Pf.)*

Ὄμοσε Καλλίγνωτος Ἴωνίδι μήποτ' ἐκείνης ἔξειν μήτε φίλον κρέσσονα μήτε φίλην. ὤμοσεν· ἀλλὰ λέγουσιν ἀληθέα τοὺς ἐν ἔρωτι ὄρκους μὴ δύνειν οὔατ' ἐς ἀθανάτων. νῦν δ' ὁ μὲν ἀρσενικῶ θέρεται πυρί, τῆς δὲ ταλαίνης 5 νύμφης ὡς Μεγαρέων οὐ λόγος οὐδ' ἀριθμός.	Calignoto jurou a Iónide jamais querer amigo, mais que a ela, e amiga. Jurou. Mas, dizem, juras no amor verdadeiras aos ouvidos de um deus não vão. Em chamas ele arde por um jovem. Dela, pobre noiva, qual Megários, não há quem fale ou lembre.
---	---

No amor não se faz o que se sabe que se deve fazer.

### 8. *Antologia Palatina, 5, 24 – Meléagro de Gádara (séc. I a.C.)*

Ψυχὴ μοι προλέγει φεύγειν πόθον Ἥλιοδώρας, δάκρυα καὶ ζήλους τοὺς πρὶν ἐπισταμένη. φησὶ μὲν, ἀλλὰ φυγεῖν οὔ μοι σθένος· ἢ γὰρ ἀναιδῆς αὐτὴ καὶ προλέγει καὶ προλέγουσα φιλεῖ.	Minh' alma avisa: “fuja à paixão de Heliódora”, pois lágrimas conhece e o ciúme antigo. Diz, mas forças não tenho. A própria sem-vergonha também avisa e, enquanto avisa, me ama.
--	--

Por que rimar amor e dor?

### 9. *Antologia Palatina*, 12, 172 – Eveno (data incerta)

Εἰ μισεῖν πόνος ἐστί, φιλεῖν πόνος, ἐκ δύο λυγρῶν  
αἰρούμαι χρηστῆς ἔλκος ἔχειν ὀδύνης.

Se é pena odiar, se amar é pena, de dois males  
escolho a chaga da benigna dor.

Não é doce o amor venal.

### 10. *Antologia Palatina*, 5, 29 – Calíctor (século III a.C.)

Ἄδὸ τὸ βινεῖν ἐστί. τίς οὐ λέγει; ἀλλ' ὅταν αἰτῆ  
χαλκόν, πικρότερον γίνεται ἔλλεβόρου.

Doce é fazer amor. Quem nega? Mas se for  
pagando, é mais amargo do que heléboro.

## Epigramas invectivos e jocosos.

Referindo-se à poética antiga, o poema ataca a atividade dos gramáticos e filólogos da Biblioteca de Alexandria: “Filhos do Ralho (v. 1) traduz Μώμου στυγίου τέκνα, literalmente “filhos de Momo, que vive no Estige”: Momo é divindade infernal, filho da noite e personificação da maledicência. Zenódoto de Éfeso (séculos IV–III a.C.) foi gramático, assim como o poeta Calímaco de Cirene, e primeiro diretor da Biblioteca de Alexandria. Filipe, além de citar Calímaco (v. 3), menciona os Telquines (τελχῖνες βίβλων, “telquines dos livros”, v. 2), demônios que habitam o mar Egeu, com que Calímaco justamente no *Aos Telquines* (fragmento 1, Pfeiffer), se defende atacando os detratores, dizendo ainda que “estrilavam” (ἐπιτρύζουσιν, v. 1) contra ele: Filipo utiliza verbo cognato (κατατρύζοντες, v. 7).

### 11. *Antologia Palatina*, 11, 321– Filipe (séc. I d. C.)

Γραμματικοὶ Μώμου στυγίου τέκνα, σῆτες ἀκανθῶν,  
τελχῖνες βίβλων, Ζηνοδότου σκύλακες,  
Καλλιμάχου στρατιῶται, ὄν ὡς ὄπλον ἔκτανύσαντες,  
οὐδ' αὐτοῦ κείνου γλώσσαν ἀπροσρέφετε,  
συνδέσμων λυγρῶν θηρήτορες, οἷς τὸ “μὴν” ἢ “σφὴν” 5  
εὔδαε καὶ ζητεῖν, εἰ κύνας εἶχε Κύκλωψ,  
τρίβοισθ' εἰς αἰῶνα κατατρύζοντες ἀλιτροὶ  
ἄλλων· ἔς δ' ἡμᾶς ἰὸν ἀποσβέσατε.

Gramáticos, do Ralho filhos, traça-espinhos,  
bibliotelquines, cria de Zenódoto;  
soldados de Calímaco, que é vosso escudo,  
mas nem ele poupais de vossa língua,  
caçadores de tristes conjunções, que usando  
“lho”, “mo”, cuidais se cães tem o Ciclope:  
consumi-vos de vez ao estrilar com outros,  
ó vis, e então tentai envenenar-me.

## B. Epigramas latinos

### I. **Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.)**

#### Epigramas jocosos

A partir do período helenístico da letras gregas, há na poética antiga dois processos compositivos, a emulação (*aemulatio*) e a imitação (*imitatio*). Emulação, que corresponde *aproximadamente* à moderna “alusão” e à pós-moderna “intertextualidade”, ocorre quando um poeta imita em parte ou por inteiro um poema alheio: ao fazê-lo, passa a concorrer, a disputar, a *emular* com seu modelo sobre qual dos dois é superior no que tange ao objeto da imitação, que pode ser a matéria tratada, certa imagem, certa figura de linguagem etc.

Marcial emulou (aludiu) Catulo ao imitar-lhe (referir intextualmente) três vezes aquele par de poemas mediante referência à famosa imagem catuliana do passarinho da amada:

### Catvllvs, II

Passer, deliciae meae puellae,  
quicum ludere, quem in sinu tenere,  
cui primum digitum dare appetenti  
et acris solet incitare morsus,  
cum desiderio meo nitenti 5  
carum nescio quid lubet iocari  
et solaciolum sui doloris,  
credo, ut tum grauis acquiescat ardor:  
tecum ludere sicut ipsa posse  
et tristis animi leuare curas 10  
tam gratum est mihi quam ferunt puellae  
pernici aureolum fuisse malum,  
quod zonam soluit diu ligatam.

### Catvllvs III

Lugete, o Veneres Cupidinesque,  
et quantum est hominum uenustiorum.  
Passer mortuus est meae puellae,  
passer, deliciae meae puellae,  
quem plus illa oculis suis amabat; 5  
nam mellitus erat suamque norat  
ipsam tam bene quam puella matrem,  
nec sese a gremio illius mouebat,  
sed circumsiliens modo huc modo illuc  
ad solam dominam usque pipiabat. 10  
Qui nunc it per iter tenebricosum  
illuc, unde negant redire quemquam.  
At uobis male sit, malae tenebrae  
Orci, quae omnia bella deuoratis;  
tam bellum mihi passerem abstulistis. 15  
O factum male! O miselle passer!  
Tua nunc opera meae puellae  
flendo turgiduli rubent ocelli.

Em Catulo, ficará a critério do leitor se o “passarinho” é ave ou se é mui jocosamente o membro masculino, vivinho no poema 2, e já mortinho no 3, a conotar impotência. Interpretações recentes entendem que *Passarinho* era o título do livrinho de poemas de Catulo, o que necessariamente não inviabiliza a impotente conotação.

Em Marcial (*Epigramas*, 7, 14) Estela é poeta, amigo do epigramatista: é bem pela semelhança e analogia inerentes à emulação e à imitação, que deduzimos que Estela escreveu um poema intitulado “Pomba”, sobre a morte de uma ave de estimação que então habita os Campos Elisios, e o conseqüente luto de Iântis, amada de Estela e dona da ave. E pela mesma semelhança e analogia podemos deduzir que o poema integrasse um livro intitulado *Pomba*. O epigrama 7, 12 de Marcial só tem sentido se co-relacionado aos poemas de Catulo:

### 12. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas* 7, 14

Accidit infandum nostrae scelus, Aule, puellae:  
amisit lusus deliciasque suas:  
non quales teneri plorauit amica Catulli  
Lesbia, nequitiis passeris orba sui,  
uel Stellae cantata meo quas fleuit Ianthis, 5  
cuius in Elysio nigra columba uolat:  
Lux Mea non capitur nugis neque moribus istis  
nec dominae pectus talia damna mouent:  
bis denos puerum numerantem perdidit annos,  
mentula cui nondum sesquipedalis erat. 10

### Catulo, 2

Passarinho, delícias de meu bem-  
com que ela brinca e tem ao colo, a quem  
bicando dá a ponta dos dedinhos  
e a dar mordidas acres ela o incita,  
quando lhe apraz ao meu desejo ardente  
um capricho, um gracejo preparar,  
não sei qual, um consolo à sua dor,  
creio, para acalmar o ardor assim – !  
ah poder eu também brincar contigo  
e tristes aflições tirar do peito  
é tão bom para mim quanto à menina  
veloz (se diz) foi a maçã dourada  
que o cinto atado há muito enfim soltou.

### Catulo 3

Podeis chorar, ó Vênus, ó Cupidos  
e quantos homens mais sensíveis vivam:  
o passarinho de meu bem morreu,  
passarinho, delícias da menina,  
que mais que os próprios olhos ela amava,  
que era melífluo e tanto a conhecia,  
quanto a filha conhece a própria mãe  
e de seu colo nunca se movia  
mas saltitando em torno aqui e ali  
somentemente a ela sempre pipiava.  
Agora vai por via escura lá  
de onde, dizem, ninguém voltou jamais.  
Malditas, vós, ó trevas más do Orco,  
que devorais as belas coisas todas:  
um pássaro tão belo me roubastes.  
Ah, que maldade! Ah, pobre passarinho!  
Por tua culpa estão os seus olhinhos  
vermelhos e inchadinhos de chorar.

Catulo celebrou também outra imagem, “os milhares de beijos” nos poemas 5 e 7.

### 13. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas 11, 6*

Vinctis Falciferi senis diebus,  
regnator quibus inperat fritillus  
uersu ludere non laborioso  
permittis, puto, pilleata Roma.  
Risisti; licet ergo, non uetamur.  
Pallentes procul hinc abite curae,  
quidquid uenerit obuium loquamur  
morosa sine cogitatione.  
Misce dimidios, puer, trientes,  
quales Pythagoras dabat Neroni,  
misce, Dindyme, sed frequentiores:  
possum nil ego sobrius; bibenti  
succurrent mihi quindecim poetae.  
Da nunc basia, sed Catulliana:  
quae si tot fuerint quot ille dixit,  
donabo tibi *Passerem* Catulli.

Nos festos dias do ancião Falcífero  
quando o fritilo impera soberano  
brincar com verso não laborioso  
permites, penso, pileada Roma.  
Riste: permites, pois, não me proíbes.  
Longe daqui parti, cuidados lívidos,  
quero falar o que me der na telha  
sem demorada consideração.  
Mistura, jovem, copos meio a meio  
como Pitágoras a Nero dava;  
mistura, agora mais frequentes, Díndimo,  
que sóbrio eu nada posso: se beber,  
quinze poetas vêm-me socorrer.  
Beijos me dá, porém Catulianos:  
se tantos forem, quantos ele disse,  
te dou o *Passarinho* de Catulo.

### 14. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas 4, 14*

Sili, Castalidum decus sororum,  
qui periuria barbari furoris  
ingenti premis ore perfidosque  
astus Hannibalis leuisque Poenos  
magnis cedere cogis Africanis:  
paulum seposita seueritate,  
dum blanda uagus alea December  
incertis sonat hinc et hinc fritillis  
et ludit tropa nequiore talo,  
nostris otia comoda Camenis,  
nec torua lege fronte, sed remissa,  
lasciuus madidos iocis libellos.  
Sic forsan tener ausus est Catullus  
magno mittere *Passerem* Maroni.

Sílio, ornamento das Irmãs Castálias  
que perjúrios do bárbaro furor  
oprimes com imensa voz, e pérfidos  
dolos de Aníbal e infieis Fenícios,  
fazes que aos grandes Africanos cedam:  
Esta severidade, afasta-a um pouco,  
quando, errante, Dezembro os brandos dados  
cá, lá ressoa nos fritilos dúbios  
e talos lança torpes nos buracos.  
Dá a minhas Camenas ócios teus,  
e lê sem torva fronte, mas amena,  
livrinhos de lascivos jogos úmidos.  
Assim talvez ousou Catulo tenro  
mandar o *Passarinho* ao grão Marão.

**Epigrama jocoso**, mencionando elementos de poética e retórica antiga. Nos tratados da Antigüidade dizia-se que um discurso inepto era frio ou produzia frio, como se lê em Aristóteles (*Retórica*, 3, 3, 3 = 1406a), “Assim, os que usam elocução poética inconveniente produzem ridículo e frieza”, e Quintiliano (*Instituições Oratórias*, 6, 1, 37): “Pois imperícia, rusticidade, dureza e grosseria produzem às vezes frio”. Marcial serve-se positivamente de tal frialdade:

### 15. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas 3, 25*

Si temperari balneum cupis feruens,  
Faustine, quod uix Iulianus intraret,  
roga laetur rhetorem Sabincium.  
Neronianas is refrigerat thermas.

Se queres temperar, Faustino, um banho  
fervente, em que Juliano a custo entrasse,  
pede que ali se lave Sabineio,  
rétor, que esfria até termas de Nero.

**Epigrama jocoso contra poetas obscuros.** Sexto é poeta tão difícil, que até mesmo os gramáticos Modesto e Clarano, comentadores e conhecedores de poesia, mal compreendem: só mesmo o deus Apolo, decifrador de enigmas, para entendê-los. Marão não é outro senão Públio Virgílio Marão, autor da *Eneida*, a quem Marcial, epigramatista convicto, considera inferior ao poeta neotérico Gaio Hélvio Cina, de que só restaram fragmentos. “Juiz” (v. 4, *iudice*, de *iudex*) é termo jurídico acolhido pela poética e designa a crítica que inclui precisamente “juízo”, “julgamento” sobre que

autores são melhores. Se Sexto é bom crítico, deverá considerar que Cina, autor de poemas ligeiros, é superior a Virgílio, autor de poema épico e grave, isto é, um “pesado”, que é a *Eneida*.

### 16. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas*, 10, 21

Scribere te quae uix intellegat ipse Modestus  
et uix Claranus, quid, rogo, Sexte, iuuat?  
Non lectore tuis opus est, sed Apolline libris:  
iudice te maior Cinna Marone fuit.  
Sic tua laudentur sane: mea carmina, Sexte,  
grammaticis placeant, ut sine grammaticis.

5

Sexto por que te apraz compor o que Modesto,  
o que Clarano a custo compreendem?  
Leitor teus livros não requerem, mas Apolo.  
Se és juiz, mais do que Marão foi Cina.  
Que assim se louvem teus poemas, Sexto: os meus,  
gramáticos deleitem, sem gramáticos.

#### Epigrama programático

sobre matéria e elocução próprias do gênero epigramático. Notar dissociação entre o caráter da *persona* epigramática e da pessoa do poeta.

### 17. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas*, 1, 4

Contigeris nostros, Caesar, si forte libellos,  
terrarum dominum pone supercilium.  
Consueuere iocos uestri quoque ferre triumphi,  
materiam dictis nec pudet esse ducem.  
Qua Thymelen spectas derisoremque Latinum,  
illa fronte precor carmina nostras legas.  
Innocuos censura potest permittere lusus:  
lasciua est nobis pagina, uita proba.

5

Se acaso nos livrinhos meus tocares, César,  
decerra o cenho de senhor da Terra:  
toleram brincadeira até vossos Triunfos;  
não cora o chefe por dar mote aos ditos.  
Se a Tímele e a Latino derrisor assistes,  
co’ rosto com que os vês lê meus poemas.  
Troças permita inócuas a censura: em mim  
a página é lasciva, proba a vida.

**Epigrama invectivo e jocosos.** Na medicina antiga, ausência de humores era sinal de saúde. “Humor” tem aqui acepção etimológica: é líquido (daí “úmido”) que, secretado pelo corpo, é responsável supostamente pelo estado físico e mental, donde provém o sentido atual de “humor”. Eram quatro: sangue, bile amarela, fleuma (ou pituíta) e bile negra (ou atrábilis). Marcial explora jocosamente problemas do excesso de *secura*:

### 18. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas*, 3, 89

Utere lactucis et mollibus utere maluis:  
nam faciem durum, Phoebae, cacantis habes.

Ó Febe, come alface e come a malva lisa,  
que tens cara de quem só caga duro.

**Epigrama pederástico e invectivo.** No mercado dos desejos eróticos, que eram os balneários em Roma, Cota apenas convidava a sua casa aqueles que eram bem dotados, o que não incluiu o poeta.

### 19. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas*, 1, 23

Inuitas nullum nisi cum quo, Cotta, lauaris  
et dant conuiuiam balnea sola tibi.  
Mirabar, quare numquam me, Cotta, uocasses:  
iam scio, me nudum displicuisse tibi.

Ninguém convidas, só com quem te lavas, Cota,  
e só os banhos dão o teu conviva.  
Admirava-me, Cota, o nunca me chamares:  
agora sei que, nu, não te agradei.

**Epigrama pederástico e votivo.** É poema votivo porque se assiste à oferenda dos próprios cabelos feita a Apolo por um rapazinho escravo, o amante passivo de seu senhor, – razão pela qual também é epigrama pederástico. Não só por isso, já que celebra em seguida, no irrealizável pedido ao deus, o derradeiro esplendor de beleza juvenil no adolescente, prestes a perder a graça feminina na pilosidade viril que lhe despontará. Não há invectiva, turpilóquio ou irrisão.

## 20. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas*, 1, 31

Hos tibi, Phoebe, uouet totos a uertice crines  
Encolpos, domini centurionis amor,  
grata Pudens meriti tulerit cum praemia pili.  
Quam primum longas, Phoebe, recide comas,  
dum nulla teneri sordent lanugine uoltus  
dumque decent fusae lactea colla iubae;  
utque tuis longum dominusque puerque fruuntur  
muneribus, tonsum fac cito, sero uirum.

5

Os cachos todos de alto a baixo, Febo, imola-te  
Eumolpo, amor de seu senhor, Pudente,  
que, centurião, com jus chegara a primipilo.  
Depressa, Febo, longas corta as mechas,  
enquanto pêlo algum lhe mancha a tenra face  
e ao colo lácteo caem bem cabelos.  
E por que gozem mais senhor e jovem dotes  
teus, faze-o glabro cedo, e tarde um homem.

### Epigrama pederástico jocoso.

## 21. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas* 14, 18

Alea parua nuces et non damnosa uidetur;  
saepe tamen pueris abstulit illa natis.

Ingênuo, lembra a noz um dadinho. Porém,  
de meninos ganhou muito cuzinho.

**Epigrama erótico.** Recém-casada e virgem, Cleópatra protege-se do marido atirando-se na piscina (“lago nítido”), que a faz parecer flores acomodadas em vasos de vidro e cristal e a ele só permite que da flor colha só beijos.

## 22. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas*, 4, 21

Primos passa toros et adhuc placanda marito  
merserat in nitidos se Cleopatra lacus,  
dum fugit amplexus. Sed prodidit unda latentem;  
lucebat, totis cum tegetetur aquis:  
condita sic puro numerantur lilia uitro,  
sic prohibet tenuis gemma latere rosas.  
Insilui mersusque uadis luctantia carpsi  
basia: perspicuae plus uetulistis aquae.

5

Tentada pela vez primeira e do marido  
ainda não domada, em lago nítido  
Cleópatra mergulha por fugir a amplexos.  
Mas traem as ondas quem se esconde: brilha  
sob tanta água! Em puro vidro ocultos vêem-se  
lírios; cristal delata a oculta rosa.  
Salto e, submerso em vaga, relutantes colho  
beijos: mais não deixastes, águas lúcidas!

### Epigrama erótico e invectivo. O pé da letra ou o tiro pela culatra.

## 23. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas*, 4, 81

Epigramma nostrum cum Fabulla legisset,  
negare nullam quo queror puellarum,  
semel rogata bisque terque neglexit  
preces amantis. Jam, Fabulla, promitte:  
negare iussi, pernegare non iussi.

5

Fabula leu meu epigrama em que eu  
me queixo que menina alguma nega.  
Uma vez, duas, três a quis o amante,  
e os rogos dele ela negou. Fabula,  
diz sim!: mandei negar, não renegar!

### Epigrama fúnebre. Lamento pela morte da escrava ainda criança.

## 24. Marco Valério Marcial (40–c.104 d.C.), *Epigramas*, 5, 34

Hanc tibi, Fronto pater, genetrix Flaccilla, puellam  
oscula commendo deliciasque meas,  
paruola ne nigras horrescat Erotion umbras  
oraque Tartarei prodigiosa canis.  
Impletura fuit sextae modo frigora brumae,  
uixisset totidem ni minus illa dies.  
Inter tam ueteres ludat lasciuia patronos  
et nomen blaeso garriat ore meum.  
Mollia non rigidus caespes tegat ossa nec illi,  
terra, grauis fueris: non fuit illa tibi.

10

A ti Frontão meu pai, a ti, ó mãe Flacila  
confio esta menina (são meus beijos  
e delícias): que Erótion tão pequena as negras  
sombas não tema nem monstruosas bocas  
do cão do Tártaro. Completaria o sexto  
inverno se vivesse mais seis dias.  
Feliz com seus patrões tão velhos brinque e tente  
meu nome balbuciar na voz rouquinha.  
Não dura relva os ossos tenros cubra e, terra!,  
não lhe peses, que em ti não pesou.

## II. Outros poetas

**Inscrição e epigrama fúnebres.** Outro lamento pela morte do bicho de estimação, agora uma cadelinha. Aqui, o notável é que o epigrama é inscrição verdadeira (CIL, 13, 488) – proveniente de Eliumberrum, atual Auch na França – contígua, não há por que duvidar, ao local onde a cadelinha foi carinhosamente enterrada:

### 25. CIL, 13, 488

Quam dulcis fuit ista, quam benigna,  
quae cum uiueret in sinu iacebat,  
somni conscia semper et cubilis.  
O factum male, Myia, quod peristi!  
Latreres modo si quis ad cubaret  
riualis dominae, licentiosa.  
O factum male, Myia, quod peristi!  
Altum iam tenet insciam sepulcrum,  
nec seuire potes nec insilire,  
nec blandis mihi morsibus renides.

5

10

Como foi doce, como foi mansinha,  
esta que em vida ao colo só dormia,  
de sono e leito sempre companheira!  
Ah que desgraça, Mia, que morreste!  
Latias quando uma rival deitava  
junto de tua dona, que assanhada.  
Ah que desgraça, Mia, que morreste!  
Ignara agora tem-te erguido túmulo,  
não podes mais rosnar, nem saltitar,  
nem ris pr'a mim com brandas mordidinhas.

**Epigrama fúnebre e inscrição lapidar.** A própria esposa morta consola o marido.

### 26. CIL, 6, 122652a

Tu qui secura procedis mente, parumper  
siste gradum, quaeso, uerbaque pauca lege.  
Illa ego quae claris fueram praelata puellis,  
hoc Homonoea breui condita sum tumulo,  
cui formam Paphie, Charites tribuere decorem  
quam Pallas cunctis artibus erudiit.  
Nondum bis denos aetas mea uiderat annos,  
iniecere manus inuida fata mihi.  
Nec pro me queror hoc, morte est mihi tristior ipsa  
maeror Atimeti coniugis ille mei.  
“Sit tibi terra leuis, mulier dignissima uita  
quaeque tuis olim perfruerere bonis.”

5

Tu que passas confiante um momento detém  
teu passo, peço, e lê poucas palavras.  
Aquele sou, a eleita entre meninas belas  
que ora jaz – Homonéia – em breve túmulo,  
a quem a Páfia deu beleza, e graça as Cárites  
e Palas ilustrou nas artes todas.  
Minha idade não vira ainda vinte anos,  
e invejosa lançou-me o fado a mão.  
Não lamento por mim, mais triste que morrer  
é o luto de Atimeto, meu marido.  
“Que a terra seja leve, esposa muito digna  
da vida e de teus bens ter desfrutado.”

**Epigrama fúnebre e inscrição lapidar.** O marido responde à esposa.

### 27. CIL, 6, 122652b

Si pensare animae sinerent crudelia fata  
et posset redimi morte aliena salus,  
quantulacumque meae debentur tempora uitae,  
pensassem pro te, cara Homonoea, libens.  
At nunc quod possum, fugiam lucemque deosque,  
ut te matura per Styga morte sequar.  
“Parce tuam, coniux, fletu quassare iuuentam  
fataque maerendo sollicitare mea.  
Nil prosunt lacrimae nec possunt fata moueri.  
Viximus, hic omnis exitus unus habet.  
Parce: ita non unquam similem experiere dolorem  
et faeant uotis numina cuncta tuis.  
Quodque mihi eripuit mors immatura iuuentae,  
id tibi uicturo proroget ulterius”.

5

10

Se o duro fado a alma barganhar deixasse  
e redimir na morte a vida alheia,  
meu restinho de vida de bom grado a ti,  
Homonéia querida, eu te daria.  
Mas posso agora só à luz fugir, aos deuses,  
e no Estige seguir-te, morto enfim.  
“Deixa de consumir no choro a juventude,  
esposo, e de buscar na dor meu fim.  
Não logram nada lágrimas, não dobram fados:  
não vivo, é este, um só, o fim de tudo.  
Deixa: que nunca mais padeças dor igual  
e os votos teus que os deuses todos ouçam.  
Quanto de juventude a morte me tolheu,  
tão cedo, a ti, que vivas mais, conceda.



## Epigrama erótico.

### 28. Pseudo-Sêneca (séc.I d.C.), 65

Semper munditias, semper Basilissa decores,  
semper dispositas arte decente comas,  
et comptos semper cultus unguentaque semper,  
omnia sollicita compta videre manu,  
non amo. Neglectam, mihi se quae comit amica,  
se det: inornata simplicitate valet.  
Vincula nec curet capitis discussa soluti,  
nec decoret faciem: mel habet illa suum.  
Fingere se semper non est confidere amori.  
Quid quod saepe decor, cum prohibetur, adest? 10

Sempre o correto, sempre, Basilissa, enfeites,  
sempre os cabelos muito bem penteados,  
pintado sempre o rosto, unções, perfumes sempre,  
tudo arrumado ver da mão zelosa  
não amo; em desalinho venha a amante e a mim  
se dê: no simples desadorno é linda.  
Não cuide em frouxo laço dos cabelos soltos  
e que ela à minha frente lave o rosto.  
O sempre se adornar é não confiar no amor:  
reprimido, não surge amiúde o belo?

**Epigrama jocoso.** Paródia anônima de famoso poema da Catulo, constante da *Appendix Vergiliana* (*Apêndice Virgiliano*), onde foram reunidos os poemas outrora atribuídos a Virgílio.

Catulo escrevera (poema 4):

Phaselus ille, quem uidetis, hospites,  
ait fuisse nauium celerrimus,  
neque ullius natantis impetum trabis  
nequisse praeterire, siue palmulis  
opus foret uolare siue linteo.  
Et hoc negat minacis Hadriatici  
negare litus insulasue Cycladas  
Rhodumque nobilem horridamque Thraciam  
Propontida trucemue Ponticum sinum,  
ubi iste post phaselus antea fuit  
comata silua; nam Cytorio in iugo  
loquente saepe sibilum edidit coma.  
Amastri Pontica et Cytore buxifer,  
tibi haec fuisse et esse cognitissima  
ait phaselus: ultima ex origine  
tuo stetit dicit in cacumine,  
tuo imbuisse palmulas in aequore,  
et inde tot per impotentia freta  
erum tulisse, laeua siue dextera  
uocaret aura, siue utrumque Iuppiter  
simul secundus incidisset in pedem;  
neque ulla uota litoralibus diis  
sibi esse facta, cum ueniret a mari  
nouissime hunc ad usque limpidum lacum.  
Sed haec prius fuere: nunc recondita  
senet quiete seque dedicat tibi,  
gemelle Castor et gemelle Castoris.

Este barquinho que estais vendo, ó forasteiros,  
diz que foi mais veloz que todos os navios  
e que a leveza de nenhum nadante lenho  
fora capaz de superá-lo quer com remos  
voar fosse preciso quer com lenho e diz:  
não o desdiz a onda horrenda do Adriático,  
as ilhas Cíclades<sup>1</sup> ou Rodes tão famosa<sup>2</sup>,  
não o desdiz a má Propôntida da Trácia<sup>3</sup>  
nem o temível Ponto Euxino<sup>4</sup>, mar cruel,  
lugar onde este (após) barquinho foi bem antes  
selva frondosa pois no cume do Citorio<sup>5</sup>  
muitos sibilos fez na fronde murmurante.  
Amástris<sup>6</sup> Pôntica!, ó Citorio rico em toras!,  
tudo isto foi, tudo é de ti bem conhecido,  
diz o barquinho – e desde as últimas origens<sup>7</sup>  
afirma no teu cimo ter estado em pé,  
os remos ter molhado então em tuas águas  
e desde lá em meio a mares indomáveis  
seu dono ter levado, quer à sestra, quer  
à destra houvesse vento, ou Júpiter, propício,  
batesse numa e noutra escota ao mesmo tempo,  
nem voto algum jamais a deuses litorais  
diz que fez, quando a este lago cristalino  
vinha de mares nunca dantes navegados.  
Mas isto tudo foi outrora, agora, à parte  
descansa em calma e envelhece e se dedica  
a ti, Castor, e a ti, ó gêmeo de Castor<sup>8</sup>.

Na alegoria, o idoso já retirado conta façanhas passadas, o vigor do corpo é compensado pela sabedoria e pela correta palavra, não sem alguma jactância, como a retórica e a poética antiga reconheciam próprias do caráter do ancião. No rebaixamento paródico a personagem é muleteiro que, enriquecido (senta-se em assentos elefantinos, isto é, de marfim, das baixas autoridades municipais, vv. 23-24), mudou o nome e, aposentado, relata antigas façanhas. Mântua (v. 4), Brixia e Cremona (v. 12) são cidades da Gália Cisalpina. Trifão (v. 6) e Cérulo (v. 7) são muleteiros concorrentes que também prosperaram: o primeiro é escravo grego liberto, como o nome indica; o outro é proprietário de imóveis e aluga cômodos à camada baixa do povo. É de notar, além do rebaixamento paródico, o emprego, com sentido diferente e vulgar, de palavras que Catulo utilizara: *insula*, em Catulo (v. 7) significa “ilha”, as Cíclades; na paródia significa “casario”, “cortiço”; *iugo* (v. 10) de *iugum*, em Catulo (v. 11) significa “cume”, “cimo” do monte Citorio; na paródia significa “jugo”, “trela” feita com a madeira dali provida.

## 29. Apêndice Virgiliano, *Catalepton*, 10 (séc. I-II d.C. ?)

Sabinus ille, quem uidetis, hospites  
ait fuisse mulio celerrimus,  
neque ullius uolantis impetum  
cisi nequisse praeterire, siue Mantuam  
opus foret uolare siue Brixiam,  
et hoc negat Tryphonis aemuli domum  
negare nobilem insulamue Caeruli,  
ubi iste post Sabinus ante Quintio  
bidente dicit attondisse forcipe  
comata colla, ne Cytorio iugo  
premente dura uulnus ederet iuba.  
Cremona frigida et lutosa Gallia,  
tibi haec fuisse et esse cognitissima  
ait Sabinus: ultima ex origine  
tua stetit dicit in uoragine,  
tua in palude deposisse sarcinas  
et inde tot per orbitosa milia  
iugum tulisse, laeua siue dextera  
strigare mula siue utrumque coeperat  
neque ulla uota semitalibus deis  
sibi esse facta, praeter hoc nouissimum,  
paterna lora proximumque pectinem.  
Sed haec prius fuere: nunc eburnea  
sedetque sede seque dedicat tibi,  
gemelle Castor et gemelle Castoris.

Este Sabino que estais vendo, ó forasteiros,  
diz que foi mais veloz que os muleteiros todos  
e que a leveza de nenhum carro a voar  
fora capaz de superá-lo quer à Mântua  
5 voar fosse preciso quer à Brixia e diz:  
não o desdiz a casa de Trifão rival  
nem o de Cérulo cortiço tão famoso,  
onde este após Sabino, outrora Quincião,  
com a tenaz bidente, diz, muita cerviz  
10 tosou peluda, porque a crina dura, opressa  
do jugo do Citorio, chagas não ganhou.  
Ó gélida Cremona, o Gália lamacenta,  
tudo isto foi, tudo é de ti bem conhecido,  
diz o Sabino e desde as últimas origens  
15 afirma ter estado em pé em tua voragem  
ter apeado no teu pântano a bagagem  
e desde lá por milhas tanta vez sulcadas  
ter sustentado as rédeas, quer à destra, quer  
à sestra, quer em ambos empacasse a mula.  
20 Nem voto algum jamais aos deuses dos caminhos  
diz que fez, à exceção deste aqui recentíssimo:  
os arreios paternos e a almofaça anexa.  
Mas isto foi outrora, agora nos assentos  
elefantinos ele senta e se dedica  
25 a ti, Castor, e a ti, ó gêmeo de Castor.

**Epigrama invectivo.** Ausônio, poeta cristão (c. 310 – c. 393 d.C.), já não ratifica as práticas amorosas dos pagãos, embora não se furte da linguagem. “Herdeiro de Hércules” (*Herculis heredi*, v. 3) na mitologia é Filoctetes, legatário das armas de Hércules. Como Filoctetes permaneceu 10 anos sozinho na ilha de Lemnos, a privação, isto é, a abstinência sexual (*egestas*, v. 3), levou-o, subetende-se, à masturbação. Lúcio Afrânio (*Afrani*, v. 4) foi comediógrafo do fim do século II e início do I a.C., que segundo Quintiliano (*Instituições Oratórias*, 10, 1, 100) em suas comédias levou à cena “torpes amores de meninos” (*puerorum foedis amoribus*), ou seja, o amor pederástico e a conseqüente penetração anal, ratificada e especificada para mulher em “numa gruta e noutra” (*utramque cauernam*, v. 7), bem entendido, penetração vaginal e anal. A luxúria da boca (*capitalis luxus*, literalmente “luxúria da cabeça”, v. 5) diz respeito à felação, que segundo Ausônio era comum em Nola, cidade da Campânia.

## 30. Ausônio (c. 310–c. 393 d.C.), *Epigramas*, 79

Praeter legitimi genialia foedera coetus,  
repperit obscenas ueneres uitiosa libido,  
Herculis heredi quam Lemnia suasit egestas,  
quam toga facundi scaenis agitauit Afrani,  
et quam Nolanis capitalis luxus inussit.  
5 Crispa tamen cunctas exercet corpore in uno:  
deglubit, fellat, molitur per utramque cauernam,  
ne quid inexpertum frustra moritura relinquat.

Além de amplexos lídimos do casamento,  
obscenos gozos quis a viciosa libido  
que a Lêmnia privação deu ao herdeiro de Hércules;  
que a toga do facundo Afrânio pôs em cena;  
5 que a luxúria da boca aos Nolanos calcou.  
Mas Crispa tudo faz num corpo só: descasca  
e chupa e é socada numa gruta e noutra  
por nada em vão deixar na morte sem provar.

## Epigrama erótico.

### 31. Ausônio (c. 310–c. 393 d.C.), *Epigramas, 50*

Uxor uiuamus ut uiuimus et teneamus  
nomina, quae primo sumpsimus in thalamo;  
nec ferat ulla dies, ut commutemur in aeuo,  
quin tibi sim iuuenis tuque puella mihi.  
Nestore sim quamvis provector aemulaque annis 5  
uincas Cumanam tu quoque Deiphoben,  
nos ignoremus quid sit matura senectus.  
Scire aeui meritum, non numerare decet.

Mulher, vivamos qual vivemos e tenhamos  
os nomes que à primeira noite usamos.  
Não haja um dia só, bem que mudemos sempre,  
Que não me digas “jovem” e eu, “menina”.  
Mais velho embora que Nestor, rival que venças  
em anos a Deífobe de Cumas,  
a velhice madura ignoremos: o mérito  
convém saber do tempo, não a soma.

---

<sup>1</sup> CÍCLADES: são ilhas do mar Egeu.

<sup>2</sup> RODES TÃO FAMOSA: grande ilha do mar Egeu.

<sup>3</sup> PROPÔNTIDA DA TRÁCIA: o atual mar de Mármara. Trácia é região situada ao norte da Grécia.

<sup>4</sup> PONTO EUXINO, MAR CRUEL: *pontus* significa “mar” e *Pontus* por antonomásia é o Ponto Euxino, o atual Mar Negro. Por antífrase eufemística era chamado Πόντος Ἐξενός (“Mar Hospitaleiro”), latinizado para *Pontus Euxinus*.

<sup>5</sup> CITORO: monte da Paflagônia às costas do Mar Negro.

<sup>6</sup> AMÁSTRIS: cidade banhada pelo Ponto Euxino, próxima ao monte Citoro.

<sup>7</sup> ÚLTIMAS ORIGENS: *ultimas* porque o poeta parte do presente.

<sup>8</sup> GÊMEO DE CASTOR: É Pólux; estes deuses gêmeos, os Dioscuros, protegiam navegantes.